

O lugar na perspectiva de estudantes do sexto ano do ensino fundamental

The perspective of place of sixth grade elementary school students

Raquel Aparecida Macedo¹

RESUMO:

Os estudantes têm contato com os principais conceitos da ciência geográfica no sexto ano do ensino fundamental. No entanto, estes conceitos se apresentam de difícil compreensão pois, muitas vezes são apenas abordados de forma desconectada da realidade dos estudantes. Há também uma dificuldade por parte dos professores em estar construir esses conceitos devido a uma formação teórica- conceitual frágil. Além disso, soma-se a questão, as especificidades dos estudantes do sexto ano do ensino fundamental, como a adaptação a uma nova estrutura pedagógica e mudanças psicoemocionais experimentadas por eles nesta faixa etária. Neste sentido, este trabalho é o resultado de uma aula sobre o conceito de lugar com uma turma de sexto ano de escola pública de Viçosa, MG. O objetivo da atividade foi construir junto aos estudantes o conceito de lugar. Para tanto, foi realizada uma aula expositiva dialogada em que se utilizou como recursos pedagógicos fotografias e a música ‘Saudade da minha terra’. Por fim, como avaliação, foi pedido aos estudantes a elaboração de um texto sobre o entendimento dos mesmos sobre a definição do conceito de lugar. Os resultados demonstraram que além de compreenderem o conceito, os estudantes também foram capazes de construir e relacionar com a sua prática e local de fala, definindo inclusive o que seria o não-lugar, subsidiando assim, reflexões interessantes para o saber geográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar; Conceitos Geográficos; Não-lugar; Sexto ano.

¹ Licenciada em geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Mestre em geografia pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: macedoraquelap@gmail.com

ABSTRACT:

Students have contact with the main concepts of geographical science in the sixth year of elementary school. However, these concepts are difficult to understand because they are often simply transmitted to students without connecting them to their reality. There is also a challenge among teachers in developing these concepts due to a fragile theoretical-conceptual training. In addition, there is an issue in the specificities of sixth grade elementary school students, as adapting to a new pedagogical structure and psychoemotional changes experienced by them at this age range. In this sense, this work is the result of a class on the concept of place to a sixth grade class of a public school in Viçosa, MG. The purpose of the activity was to build with the students the concept of place. To this end, a class with active participation was held in which photographs and the song 'Saudade da minha terra' were used as teaching resources. Finally, as an evaluation, the students were asked to prepare a text on their understanding concerning the definition of the concept of place. The results showed that in addition to understanding the concept, the students were able to build and relate it to their experience and place of speech, also defining what would be the non-place, thus supporting interesting reflections for geographic knowledge.

KEYWORDS: Place; Geographical Concepts; Non-place; Sixth grade.

1. Introdução

A Geografia como disciplina escolar tem por objetivo despertar a visão crítica sobre as transformações que ocorrem dentro do espaço geográfico. Na busca por uma Geografia Escolar que faça sentido para o estudante e desperte uma visão crítica e reflexiva a respeito do mundo, os conceitos geográficos- paisagem, lugar, espaço geográfico, território e região- são fundamentais, já que trabalham com a interconexão dos processos e fenômenos.

Neste sentido, é primordial que os conceitos sejam construídos junto aos estudantes e não apenas abordados como forma de contemplar o conteúdo programático. Desta forma, os conceitos geográficos devem ser retomados ao longo das aulas sempre que necessário, para assim, contribuir para a superação da fragmentação dos conteúdos e conseqüentemente da realidade que se apresenta (LISBOA, 2007).

O movimento de compreender o espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, perpassa pelo entendimento do espaço mais próximo e significativo do sujeito, já que este também é parte da totalidade e dos processos que ocorrem numa escala geográfica maior. O conceito de lugar é o que mais se aproxima do estudante e que permite este movimento de partir do que é conhecido e particular para entender fenômenos mais amplos e abrangentes (RODRIGUES, 2015).

Embora o ser humano produza geografia desde que nasce, alguns conhecimentos geográficos são apresentados ainda no ensino fundamental I quando se trabalha, por exemplo, com temas e conceitos como a rua, o bairro e a cidade. Mas é no sexto ano do ensino fundamental II que os estudantes têm contato com os conceitos geográficos de forma sistematizada.

A aprendizagem dos estudantes que se encontram no sexto ano, de forma geral, é um desafio para os professores, pois é uma série caracterizada pela transição do ensino fundamental I para o II. Dentre as mudanças estão as referentes ao currículo e organização escolar, como exemplos: a unidocência para a pluridocência, horários organizados em períodos de 50 minutos e relação com o professor que agora é mais distante. Por fim, temos ainda, as mudanças psicológicas e emocionais características do início da adolescência que os estudantes do sexto ano já começam a experimentar (REIS E NOGUEIRA, 2021; E-docente, 2019).

Quanto à aprendizagem dos conceitos geográficos, esta exige dos estudantes a capacidade de abstração para o entendimento e construção de teorias que o permita interpretar

e refletir sobre a realidade, o que se torna mais complicado quando se está vivenciando todas estas mudanças citadas.

Tendo estas questões em mente, este artigo se refere aos resultados de uma aula expositiva e dialogada sobre o conceito de lugar e realizada com uma turma de sexto ano de escola pública do município de Viçosa, MG. A atividade foi parte da avaliação da disciplina GEO 483- Prática de Pesquisa em Ensino de Geografia do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Viçosa.

O conteúdo programático do sexto ano aborda os conceitos de paisagem, espaço geográfico e lugar. No entanto, ao longo das discussões com o professor responsável pela disciplina, foi relatado que dentre os conceitos trabalhados, foi o de lugar que os que os estudantes mais tiveram dificuldades de compreender, por isso, a atividade retomou apenas este conceito.

Foi preocupação durante a realização da atividade que os estudantes entendessem à sua maneira o conceito, e a partir disso, interpretasse a sua realidade local e também em outras escalas geográficas. Para auxiliar na compreensão do conteúdo se utilizou fotografias e a música ‘saudade da minha terra’ como ferramentas pedagógicas.

Para tanto, este trabalho foi dividido da seguinte maneira; o primeiro tópico discutimos sobre o conceito de lugar dentro das principais correntes teóricas da Geografia e a definição do conceito adotado para a realização deste trabalho. Posteriormente, especificamos a metodologia utilizada para a construção e realização da atividade ‘Meu Lugar’. Por fim, apresentamos os resultados e considerações finais. Os resultados demonstraram que os estudantes foram capazes de construir o conceito à sua maneira e relacionar com a sua prática e local de fala.

2. O conceito de Lugar dentro da Geografia

A definição do conceito de lugar depende da corrente teórica, como também do momento histórico a que se refere. Segundo Rodrigues (2015) a preocupação com o lugar, como categoria de análise primordial, se deu a partir da década de 70 com as correntes da Geografia Humanista e Geografia Crítica, em contraposição ao positivismo que não privilegiava os aspectos sociais e simbólicos.

A corrente humanista compreende o lugar como o lócus das relações entre o sujeito e o espaço. O lugar, seria então, o espaço mais próximo do indivíduo onde se estabeleceriam as relações sociais e espaciais mais próximas, a construção de identidade, de significados e experiência. Rodrigues (2015) discutindo o lugar dentro desta corrente, acrescenta que:

Buscando uma renovação conceitual, teórica e metodológica, a corrente humanista fundamenta-se nas filosofias do significado, principalmente, na fenomenologia e no existencialismo. Prioriza a micro escala propondo uma análise do lugar como mundo das experiências intersubjetivas dos indivíduos. Desse modo, a categoria ascende à condição de peça chave da Geografia, fundamental para entender os sentimentos espaciais a partir da experiência cotidiana, do simbolismo e do apego do lugar. (RODRIGUES, 2015, p. 3).

Segundo Moreira e Hespanhol (2007) normalmente o lugar é associado a corrente humanista e “(..) essa correlação não é por acaso, pois essa corrente encontrou no Lugar a possibilidade de explicar a construção do mundo, da vida, marcado pela experiência e percepção” (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p.50). Nesta direção, Bartoly (2012) afirma que o lugar dentro da corrente humanista é que teve maior visibilidade. Mas a corrente crítica contribuiu de forma significativa para as discussões em torno deste conceito. Influenciada pela linha materialista histórico-dialética, a Geografia Crítica coloca o lugar conectado a outros locais pelas redes e pelo processo de globalização.

A Geografia Crítica considera o lugar como parte da totalidade e representativo dos processos que ocorrem no global, principalmente no atual momento de globalização, sendo carregado de historicidade e contradições. Segundo Santos (2010) o lugar dentro desta corrente de pensamento da Geografia é sinônimo de singularidade, abarcando processos únicos “(...) ou seja, possui características peculiares que o diferencia do resto do mundo e ao mesmo tempo, representa muito bem uma parcela deste” (SANTOS, 2010, p.60, grifo nosso).

Para Moreira e Hespanhol (2007) a Geografia Crítica aborda o lugar de forma mais abrangente e menos subjetiva em relação a humanista. A geógrafa Doreen Massey (2008) critica o conceito de lugar dentro da corrente humanista. Para ela o lugar dentro desta corrente parte da concepção de um local de identidade, autenticidade, separado e vítima das ameaças cada vez mais fortes e dominantes que vem de fora. Tratando-se, pois, de um refúgio como se as dinâmicas globais sempre viessem de um outro local, o que para Massey (2008) é um equívoco.

Para Massey (2008) esta perspectiva de lugar se trata de uma visão de espaço imóvel que não permite o movimento e que separa o lugar do global. A autora acrescenta que “para uma compreensão relacional da globalização neoliberal, os “lugares” são linhas cruzadas nas mais amplas geometrias de poder que constituem tanto eles próprios quanto ao global” (p.152). Por isso, conceber o local como o oposto do global desconsidera que os processos exteriores também estão presentes no lugar e que as relações do global também são reproduzidas dentro do local.

Desta forma, o lugar dentro da corrente crítica passa a ser categoria fundamental para entender as transformações espaciais dentro do processo de globalização, pois, ao mesmo tempo que a globalização diferenciou os lugares também os articulou (MOREIRA E HESPANHOL, 2007). Neste sentido, Rodrigues (2015, p.1-2) coloca que esta corrente se preocupa com o lugar dentro da globalização, mas também com a “(...) especificidade que o lugar adquire diante da homogeneização do mundo”. Bartoly (2012) nos ajuda a entender melhor esta definição:

À medida que o lugar apresenta uma estrutura funcional adequada, tem-se a impressão que o mundo necessariamente passa pelo lugar, de que os fluxos globais não só atravessam-no, como estabelecem com ele uma relação dialética. Neste sentido, é exatamente essa relação dos fluxos globais com as condições locais que produz o lugar na geografia Crítica. Assim, o lugar é definido a partir das relações que mantém com a totalidade, a qual seria manobrada pelo movimento histórico do capitalismo. (BARTOLY 2012, p. 68-69).

Os lugares seriam representativos de processos mais amplos dentro de um contexto histórico específico: a globalização. Assim, dentro da corrente Crítica o lugar está articulado e conectado a fenômenos mais abrangentes e desta forma é uma construção socioespacial (MOREIRA; HESPANHOL, 2007).

Há ainda discussões dentro da Geografia que consideram o conceito de lugar dentro destas duas correntes teóricas como sendo complementares (MOREIRA; HESPANHOL, 2007). Bartoly (2012) coloca que trabalhar uma perspectiva resultaria no privilégio de um aspecto em detrimento do outro: “É justamente da tensão entre subjetividade e a objetividade que nasce o lugar composto pela dimensão material (...) e pela dimensão abstrata” (BARTOLY, 2012, p. 69).

Consideramos que ambas as contribuições teóricas se complementam e abordam aspectos da realidade e da totalidade que a categoria de lugar representa. Por isso, adotamos neste trabalho a definição de lugar como a porção do espaço vivido, dotado de significados,

fonte das experiências e espaço mais próximo ao sujeito, mas também, como parte da totalidade, das lutas sociais que ocorrem no espaço geográfico e resultado da articulação e tensão de forças globais e locais.

3 O lugar do sexto ano: fotografias e música como formas de (re) conhecer o seu espaço

A escola onde foi realizada a atividade se localiza nas proximidades do centro de Viçosa e da Universidade Federal de Viçosa. Se trata de uma escola pública que atende diferentes perfis de jovens, tanto da zona rural quanto da zona urbana e de diversos contextos sociais. A atividade foi realizada com uma turma de sexto ano que possuía 31 que eram agitados, interessados e curiosos.

Visando atender parte do conteúdo programático do 6º ano que são os conceitos geográficos, foram abordados ao longo do bimestre os conceitos de paisagem, espaço geográfico e lugar. No entanto, foi o conceito de lugar que os estudantes mais tiveram dificuldades de compreender e por isso este foi retomado na aula.

A abordagem utilizada pelo professor da turma foi o conceito de lugar dentro da corrente humanista. Mas, como mencionado anteriormente, optamos por trabalhar com o conceito também sob a perspectiva da Geografia Crítica, abordando assim, aspectos de cada corrente, pois, consideramos que no atual período, em que os lugares estão cada vez mais articulados, o conceito de lugar dentro da corrente humanística possui limitações para a leitura da realidade complexa que se apresenta.

Foi preparado uma aula de 50 minutos e no primeiro momento foram apresentadas fotografias atuais da cidade de Viçosa, para que os estudantes reconhecessem os elementos que fossem familiares. Em seguida, fotografias de diversos períodos históricos da cidade, de forma a demonstrar que o lugar está em movimento e quais foram as principais mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Pires e Cavalcanti (2020) colocam a utilização de imagens como uma importante ferramenta para o ensino de Geografia. Segundo os autores supracitados as imagens acionam algumas funções mentais como a percepção, a imaginação e a memória. Estas funções “podem e/ou são mobilizadas por meio da mediação simbólica dos recursos visuais contribuindo no desenvolvimento do pensamento e na **formação dos conceitos**” (PIRES e CAVALCANTI, 2020, p. 382, grifo nosso).

No segundo momento foi apresentada a música ‘saudade da minha terra’ composta por Belmonte e Goiás em 1966 e interpretada pela dupla Belmonte e Amaraí (PIUNTI, 2011), para demonstrar a dimensão do simbólico, do afeto, da experiência, da familiaridade e do cotidiano que permeia o conceito de lugar. Segundo Muniz (2012, p.81) “As letras de músicas apresentam noções e conceitos básicos de geografia. Também é uma das artes que mais influencia na subjetividade e nos comportamentos humanos”. Para a autora a música no contexto do ensino de geografia tem a “capacidade de mexer com nossas emoções” (MUNIZ, 2012,).

No entanto, o uso de instrumentos pedagógicos como fotografias e músicas precisam estar de acordo com os objetivos da aula, dialogando com o conteúdo e deve ser o meio para pensar a realidade e incentivar a criatividade. A letra da música utilizada em sala de aula se encontra abaixo

Saudade da minha terra

De que me adianta viver na cidade
Se a felicidade não me acompanhar

Adeus paulistinha do meu coração
Lá pro meu sertão eu quero voltar
Ver a madrugada quando a passarada
Fazendo alvorada começa a cantar
Com satisfação arreio o burrão
Cortando estradão saio a galopar
E vou escutando o gado berrando
O sabiá cantando no jequitibá

Por Nossa Senhora meu sertão querido
Vivo arrependido por ter deixado
Esta nova vida aqui na cidade
De tanta saudade, eu tenho chorado
Aqui tem alguém, diz que me quer bem
Mas não me convém eu tenho pensado

Eu fico com pena, mas esta morena
Não sabe o sistema que eu fui criado
Tô aqui cantando, de longe escutando
Alguém está chorando com rádio ligado

Que saudade imensa do campo e do mato
Do manso regato que corta as Campinas
Aos domingos ia passear de canoa
Nas lindas lagoas de águas cristalinas

Que doce lembrança daquelas festanças
Onde tinham danças e lindas meninas
Eu vivo hoje em dia sem ter alegria
O mundo judia, mas também ensina
Estou contrariado, mas não derrotado
Eu sou bem guiado pelas mãos divinas

Pra minha mãezinha já telegrafei
E já me cansei de tanto sofrer
Nesta madrugada estarei de partida
Pra terra querida que me viu nascer
Já ouço sonhando o galo cantando
O nhambu piando no escurecer
A lua prateada clareando a estrada
A relva molhada desde o anoitecer
Eu preciso ir pra ver tudo ali
Foi lá que nasci, lá quero morrer.

Composição: Belmonte/ Goiás (1966)

Utilizando a letra da música discutiu-se sobre o sentimento de identidade em relação ao lugar e quais palavras e trechos demonstravam isso. Além disso, foram destacadas as características e componentes específicos do lugar abordados pela música para que os estudantes exercessem a sua imaginação.

No último momento da aula foi apresentado fotografias aéreas e também do interior das metrópoles de Tóquio e São Paulo e por fim dos moradores destas metrópoles fazendo uso do celular dentro do metrô. O objetivo aqui era identificar os elementos de cada foto para discutir a relação do global com o local. Pois, o capitalismo tende a homogeneizar os espaços e a disseminar novos hábitos de vida e consumo.

Considerando que a proposta é que os estudantes construíssem o conceito de lugar à sua maneira e fossem capazes de relacionar a teoria à sua realidade, foi pedido aos estudantes que elaborassem um texto como avaliação. A escolha deste tipo de avaliação foi pelo seu formato livre que dá espaço para a subjetividade e opiniões. A elaboração do texto deveria abordar os seguintes aspectos; a) como é o seu lugar, b) o que tem no seu lugar, c) o que você gosta de fazer no seu lugar e d) qual é a história do seu lugar. A elaboração do texto foi deixada como dever de casa e eles tiveram um final de semana para fazer.

4 “O lugar é onde convivemos sim, mas se você não gosta, não se sente acomodado onde você está, até mesmo não se sentir em casa, então isso não é o seu lugar”

O momento da atividade que ocorreu dentro da sala de aula gerou muitas discussões e a participação de todos os estudantes. No primeiro momento da atividade, quando foi apresentada a música “saudade da minha terra”, a intenção era que eles percebessem a dimensão do simbólico, do afeto, e do cotidiano que permeia o conceito de lugar e rendeu uma discussão enriquecedora, tanto em relação aos elementos da letra da música que caracterizavam o lugar quanto ao sentimento do eu lírico.

No segundo momento, quando foi apresentado fotos atuais de vários locais da cidade de Viçosa, alguns alunos não conseguiram reconhecer determinados elementos, o que por si só já abriu um leque de discussões, tanto no que se refere a escala do lugar, quanto a identificação com ele. Os estudantes por eles mesmos chegaram à conclusão que não reconheciam aquele local, pois o seu cotidiano era diferente dos outros colegas.

Posteriormente, quando foi apresentado imagens de diversos períodos históricos de Viçosa, houve novamente uma troca riquíssima de histórias da cidade e também sobre outras cidades, porque

alguns vieram recentemente morar em Viçosa. Outros nasceram ali, mas não sabiam do seu passado, pois os pais vieram de outro local, e por fim, quem a família sempre morou na cidade por isso, mencionaram histórias que os avôs e/ou pais contam.

Neste momento discutiu-se sobre as mudanças socioespaciais da cidade ao longo do tempo. Os estudantes perceberam que os elementos foram se adensando pelo espaço e as características das casas, dos traçados das ruas já não eram os mesmos. Neste sentido, trouxeram histórias de formação dos seus bairros e da rua em que moravam. O que também foi interessante, pois esta escola pública recebe estudantes de vários locais de Viçosa. Neste sentido, puderam aprender um pouco mais sobre a história do lugar e o cotidiano dos seus colegas. Por fim, foi colocado também que mesmo o lugar sendo o mesmo, o modo de percebê-lo e vivenciá-lo é diferente.

Em relação ao uso de fotografias das metrópoles de Tóquio e São Paulo foi demonstrado que os lugares recebem influências do global. Tratam-se de locais diferentes e distantes, mas que apresentam casas, ruas e automóveis parecidos, como também os hábitos das pessoas como ir ao cinema, comer pizza, ir a espaços de *fastfood*, usar o celular e jogar videogame. Segundo Sposito (2002):

Vamos lembrar do exemplo de Nova Iorque parecida com Tóquio ou São Paulo, ou observar que a garotinha de sete anos de Quixeramobim no Ceará quer comprar uma Melissinha, tanto quanto a que mora em Ipanema no Rio de Janeiro, ou que tanto um garoto de dez anos da área metropolitana de Los Angeles como o da área metropolitana de São Paulo gostaria de ter uma camiseta com a estampa do He-Man. (SPOSITO, 2002, p.65-66)

Essas influências apresentam particularidades em cada local, pois cada lugar já tem o seu processo histórico e social específico. Mas, ao mesmo tempo, pelo lugar se consegue compreender o global, já que as mudanças que ocorrem em nível global são percebidas no lugar, tanto no que se refere a disseminação de tecnologias e novos hábitos de consumo quanto a apropriação e reprodução do espaço. Nas palavras de Carlos (2007):

Por sua vez, a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/ percebe/ entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundo que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularem-se as particularidades, (CARLOS, 2007, p.14).

A aula foi realizada com uma turma de sexto ano que continha 31 estudantes. Deste total 25 estavam presentes e 18 alunos entregaram a atividade proposta. Dos que definiram o conceito de lugar, usaram palavras como “convive”, “dia a dia”, “sentir”, “afeto”, “mais livre”, “sente bem”, “vida cotidiana”, “aquilo que vejo e vivo”, “gostamos”, como neste depoimento que diz: “para mim lugar é

lugar que convivemos nosso dia a dia, um local que gostamos e nos sentimos muito bem, o meu lugar é a escola, é minha casa e também viçosa e todos estes lugares para mim são lindos”.

Uma preocupação é que eles entendessem o conceito à sua maneira, pois os conceitos estão em permanente construção. Neste sentido, destaco o seguinte depoimento: “Muitas pessoas acham que o lugar é só onde a gente vive, mas para mim não é bem assim. O lugar é onde convivemos sim, mas se você não gosta não se sente acomodado onde você está, até mesmo não se sentir em casa, então isso não é o seu lugar. E que é o lugar sem a família por perto?”. Interessante a colocação, pois não considera o lugar apenas como o local onde se vive. Para este estudante em específico, falta um aspecto fundamental que é a família. E ainda acrescenta: “O meu lugar graças a Deus hoje eu moro perto da minha família (avôs, primos e tios). Mas infelizmente nem sempre foi assim. Eu já morei em vários lugares e muitos deles são longe da minha família e por causa disso eu sofria, principalmente longe dos meus avôs, porque eu amo eles demais”.

Para Carlos (2007), a tríade habitante-identidade- e lugar pode ser evocada para explicar o lugar que é a “base para a reprodução da vida”, o espaço que é apropriado pelos sentidos, pelo corpo, nas atividades cotidianas e são realizadas com o nosso círculo mais próximo de convivência, seja a família, amigos ou/e vizinhança.

Outro estudante define o conceito de lugar da seguinte forma: “O lugar para mim é uma coisa chata, porque eu vejo ele todos os dias, mas tem lugares que eu conheço que eu admiro tanto mais tanto”. Na maioria dos depoimentos o lugar foi evocado com características positivas, neste no entanto, atribui a característica de enfadonho. Ao mesmo tempo o seu fascínio é direcionado a outros lugares. Provavelmente esta opinião está relacionada a um dos vários aspectos sociais produzidos dentro do processo de globalização: o desejo de consumir produtos e outros locais.

Com relação a descrição do seu lugar e o que faz nele, os depoimentos foram riquíssimos com relação ao nível de descrição. Os estudantes colocaram como era o seu lugar, o que tem nele, o que faz e as palavras que mais apareceram foram: “casa”, “quarto”, “brincar”, “estudar”, “rua”, “passear”, “UFV” “conversar com os amigos” e adjetivos como “animado”, “colorido”, “bonito”, “legal” e “agradável”.

Neste sentido, destaco a seguir alguns dos depoimentos: “Por incrível que pareça o meu lugar é o meu quarto. O meu quarto é grande tem paredes branco e verde, tenho um guarda roupa que guardo minhas coisas”; “Meu lugar é bonito tem seis cômodos, uma sala, um banheiro, uma cozinha, e dois quartos”. E ainda “o meu lugar é o meu quarto, ele tem minha cama, meu guarda roupa, o berço da minha irmãzinha e a cômoda dela. No meu quarto eu mexo no celular e lê”. A casa e o quarto apareceram na maioria dos depoimentos. É o espaço mais próximo deles, onde realizam as suas principais atividades:

brincam, estudam, imaginam, descansam e passam tempo com a família e se sentem seguros. Neste sentido, Carlos (2007) coloca:

Como o homem percebe o mundo? É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida- apropriada através do *corpo- dos sentidos-* dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade-vida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos. (CARLOS, 2007, p.17-18).

Assim, podemos considerar o bairro, a rua, a comunidade, a pequena cidade, e até mesmo o próprio corpo como lugares e como mencionado pelos estudantes; a casa e o quarto. Já no depoimento a seguir o lugar descrito é outra cidade: “O lugar que eu vou falar é a cidade de Santa Maria no RS e ela é bem bonita, é uma cidade grande, tem muita gente legal”. Segundo Carlos (2007) o lugar é onde se aprofundam os níveis de identidade e vivência e criar laços com este espaço exige tempo, o que não é o caso deste estudante que ainda não se identifica com Viçosa e com a sua nova vida.

Com relação ao que fazem no “seu Lugar” as palavras que mais apareceram foram “estudar”, “brincar”, “jogar”, “futebol”, “videogame”, “passear”, “bicicleta”, como nestes depoimentos: “Na minha casa gosto de fazer várias coisas como brincar com minha irmã, mexer no celular, estudar etc.”; “Onde eu mais gosto de fazer (refere-se ao quarto) é jogar porque é muito legal e dá para se concentrar desenhando os desenhos mais incríveis de moto e carros bonitos”; “É um lugar (refere-se à Viçosa) onde podemos aproveitar, pois é muito lindo, eu adoro estudar, na minha casa, ver televisão e em viçosa adoro ir na Universidade Federal de Viçosa (UFV)”; “No meu lugar posso fazer várias coisas como, andar de bicicleta, ir à pracinha, na casa de minhas tias e ir à venda”. E ainda: “Nela (refere-se à Santa Maria) eu gosto de passear porque já que não moro mais lá e vou para visitar e para ver a família”.

Estes depoimentos mostram as atividades cotidianas destes estudantes no que se refere aos seus momentos de lazer e as atividades que são importantes para eles. A maioria são pré-adolescentes, então seus momentos de lazer são passear, brincar e visitar familiares. Mas, se o perfil de estudantes fossem do ensino médio, ou mesmo de adultos, provavelmente outros elementos apareceriam.

Nos depoimentos sobre as características do “Meu Lugar” apareceram muitos adjetivos: “O meu lugar é calmo, aconchegante, cheio de árvores e super aconchegante”: “O melhor lugar para mim é minha casa, nela eu me sinto mais livre mais sossegado e relaxado. Eu gosto muito dela. Ela é meio colorida e agradável”; “Todos estes lugares para mim são lindos, a minha escola é grande, colorida, animada e cheia de árvores etc, minha casa é grande e animada”. Além dos adjetivos positivos, utilizaram também sentimentos para se referir ao “Meu Lugar”.

Alguns estudantes ainda colocaram a história do seu Lugar: “O meu lugar está localizado em Viçosa MG e se chama Barrinha, este lugar pelo que sei se chama assim, pois o encontro de dois grandes rios é barro e aqui como são dois pequenos rios ficou Barrinha”; “Meu lugar tem uma história, antigamente minha avó que morava na minha casa, eu nem era nascido, aí depois minha mãe que morava em Brasília veio aqui para Viçosa também junto ao meu pai”; “A história deste lugar e que ela foi feita a partir de acampamentos eles tinham domínio espanhol e português e isso foi crescendo, e antes disso moravam índios”; “A história da minha casa aconteceu há muito tempo, meu avô deu um lote para o meu pai e nele fez várias mudanças, transformando o lote em minha casa, nisso meu pai já tinha conhecido minha mãe. Nasci, cresci e convivi e minha casa, hoje já vai fazer 12 anos”.

Novamente Carlos (2007) nos ajuda a entender que o lugar também é história, produto das transformações sociais e da apropriação do espaço acumuladas no tempo e materializado, sendo dotado de intencionalidade, contradições, e por isso, apresentando uma configuração única e particular.

5 Considerações finais

Os depoimentos demonstraram que os estudantes entenderam o conceito de lugar e conseguiram relacioná-lo com a sua vivência. Assim, o principal objetivo da atividade foi alcançado. Foi possível também identificar a forma que estes estudantes de sexto ano se apropriam do espaço ao realizarem as suas atividades cotidianas.

Este movimento de percepção da realidade utilizando o conceito como lente é importante para o processo de aprendizagem, porque parte de uma dimensão concreta para uma dimensão mais abstrata. A aprendizagem se torna mais significativa, pois envolve estruturas do pensamento como o de observar, aprender, refletir, relacionar e associar com o seu espaço, e neste caso, o seu espaço mais íntimo e de convívio onde se estabelece as suas principais relações sociais.

Neste sentido, o lugar aqui aparece como aquele espaço mais próximo do sujeito, por isso, os substantivos “casa”, “quarto”, “rua”, “minha cidade”, “UFV”, foram evocados, pois são onde estabelecem as suas principais relações sociais, aqui temos, portanto, o lugar das práticas cotidianas: estudar/ escola, brincar/locais de lazer, morar/ casa e que fazem parte da rotina da maioria destes estudantes de 6º ano.

Portanto, sentimentos foram evocados em relação ao lugar como o de “proteção”, “divertir”, “gostar”, “sentir bem”, sentimentos estes que dado a faixa etária são importantes para estes sujeitos, demonstrando assim o significado dado às relações que são construídas espacialmente. Neste sentido, percebemos que o lugar é composto de trajetórias e de historicidade que coexistem como colocado por

Carlos (2007). No entanto, para outros, o espaço do cotidiano é colocado como "chato". Aqui percebemos explicitamente a dimensão do subjetivo. É interessante observar estes pontos de vista, pois, tratam-se de diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto.

Através dos depoimentos foi observado que o lugar dentro da corrente humanista foi o mais evocado, embora o lugar dentro da corrente crítica também tenha sido abordado em sala de aula. Este fato se deve pela proposta da avaliação ter sido deficiente neste sentido, por isso a importância da avaliação está de acordo com os objetivos propostos. Assim, da mesma forma, a importância do professor refletir constantemente sobre a sua prática para identificar possíveis falhas dentro deste processo e aprimora-las.

Todavia, mesmo com esta lacuna os resultados foram satisfatórios. Os estudantes participaram ativamente das discussões dentro da sala de aula. Além disso, construíram o conceito com base na sua realidade, definindo o lugar como também o que para eles seria o não-lugar. Estes resultados foram importantes, porque como já mencionado anteriormente, estes estudantes estão em um momento de adaptação devido a transição do ensino fundamental I para o II e passando por mudanças psicológicas e emocionais típicas do início da adolescência, sendo este um período delicado em que ocorrem altas taxas de reprovação (REIS E NOGUEIRA, 2021).

Diante destes desafios é importante que o professor trabalhe com a vivência dos estudantes, pois como observado durante a execução da atividade, a participação dos estudantes é maior quando sua realidade é valorizada e assim se sentem parte do processo. Soma-se a esta questão, o fato de gostarem de serem ouvidos, por vezes até disputando a atenção do professor.

Neste sentido, os resultados obtidos demonstraram o quanto é importante trabalhar com a prática e cotidiano dos estudantes para uma aprendizagem mais significativa, principalmente na construção de conceitos. É igualmente importante que também sejam capazes de construir teorias e elaborar pensamentos abstratos. Desta forma, a aproximação com a vivência precisa ser o ponto de partida para se pensar a realidade e interpretá-la nas diversas escalas.

Neste sentido, é importante saber direcionar toda a energia que estes estudantes apresentam, pois eles fazem geografia no dia a dia, cabendo ao professor utilizar estes conhecimentos e ferramentas para construir junto a estes estudantes um saber geográfico sistematizado.

Referências bibliográficas

BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do Lugar na geografia. *GEOgraphia*, UFF, v13, n° 26, p. 66-91, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. FFLCH- Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/dg/gesp\aa\az>>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

Ensino fundamental 1 e 2: transição do 5° para o 6° ano. E-DOCENTE, 2022. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/educacao/ensino-fundamental-1-2-transicao-5-para-6-ano/>. Acesso em 31 de novembro de 2022.

LENCIONE, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. *GEOUSP, Espaço e Tempo* (Online), [S. l.], v. 12, n. 1, p. 109-123, 2008. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2008.74098. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098>. Acesso em: 21 de outubro de 2022.

LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. *Revista Ponto de Vista*. Revista Ponto de Vista, n. 1, volume 4, p. 23–35, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9746>>. Acesso em: acesso em 30 de outubro de 2022.

MASSEY, Doreen B. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, n° 14, volume 2, p. 48- 60, 2007. Disponível em: < Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645L>>. Acesso 27 de outubro de 2022.

MUNIZ, Alexsandra. A música nas aulas de Geografia. *Revista de ensino de Geografia*, Uberlândia, MG, Vol. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012.

PIRES, Mateus Marchesan; Cavalcanti, Lana de Souza. A imagem e seus aportes ao desenvolvimento do pensamento e das funções mentais no ensino de Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 10, n. 19, p. 381-402, jan./jun., 2020. Disponível em: <<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/749/431>>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

PIUNTI, André. Saudade da minha terra. UOL, 27 de mar. de 2011. Disponível em <https://universosertanejo.blogosfera.uol.com.br/2011/03/27/saudade-da-minha-terra/>>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

REIS, Ludimila Maria da Silva; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. Transição para o ensino fundamental II: o que dizem as pesquisas brasileiras. *Revista Linhas Críticas*, UnB. [S. l.], v. 27, p. e37594, 2021. DOI: 10.26512/lc27202137594. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/37594>>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de Lugar: aproximação da Geografia com o indivíduo. *In: XI Encontro Nacional da ANPEGE*, 2015, p. 5036 a 5047.

SANTOS, Laudenides Pontes dos. *O estudo do Lugar no ensino de Geografia: Os espaços cotidianos na Geografia escolar*, 2010. Dissertação de mestrado- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Rio Claro, Rio Claro- São Paulo, 2010.

VELLOSO, Telma Oliveira Soares. *A música no ensino de Geografia: uma ferramenta de ensino e aprendizagem*. Revista Ponto de Vista, [S. l.], v. 9, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/10458>. Acesso em: 9 de novembro de 2022.

Recebido em: **06 set. 2023**

Aprovado em: **08 dez. 2023**